



HORTA COLETIVA COMO PRÁTICA AGROECOLÓGICA: PROCESSO DE REORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA A PARTIR DO ACESSO À TERRA

Gabriel Pavinato Olimpio, Suliene França Ribeiro, Sandy Evelyn Pereira Arguelho, Vanilde F. de Souza-Esquerdo

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

g116940@dac.unicamp.br

Objetivos

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de implementação e reorganização de uma horta coletiva no Assentamento Milton Santos, no contexto das ações desenvolvidas pelo Programa de Extensão Terra, da Unicamp. Destaca-se o processo de organização comunitária, o planejamento inicial do espaço produtivo e a participação das famílias assentadas na construção de práticas agrícolas fundamentadas nos princípios da agroecologia.

O Programa Terra configura-se como uma iniciativa voltada ao fortalecimento da agroecologia na agricultura familiar na região de Campinas e Limeira, por meio da construção coletiva de saberes e do apoio a redes e ações locais. Dentre suas atividades temos aulas abertas em agroecologia, seminários, visitas técnicas, oficinas sobre Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) e plantas medicinais, além da integração da agroecologia nos currículos acadêmicos, como na disciplina NT610 da Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp (UNICAMP, 2025).

O Assentamento Milton Santos, criado em 2005 e organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), está localizado entre os municípios de Americana e Cosmópolis, no estado de São Paulo. Este assentamento reúne dezenas de famílias assentadas em um território historicamente marcado pela produção canavieira. As famílias

convivem com os impactos do agronegócio no entorno, incluindo a exposição a insumos químicos provenientes das lavouras vizinhas (BOMBARDI et al., 2009).

Nesse contexto, busca-se compreender como iniciativas coletivas de cultivo, articuladas a programas de extensão universitária, podem contribuir para o fortalecimento da produção de alimentos, da autonomia das famílias assentadas e da construção de sistemas agrícolas mais sustentáveis.

Métodos e Procedimentos

A horta coletiva está localizada em uma área do assentamento, onde nove famílias são responsáveis pelo espaço. A reorganização do espaço vem sendo conduzida a partir de uma abordagem participativa, que valoriza o conhecimento dos agricultores envolvidos, de suas estratégias produtivas e dos múltiplos usos da terra. O saber local é essencial para a construção de estratégias adequadas às especificidades de cada território, com vistas à promoção da autossuficiência e da sustentabilidade dos sistemas produtivos.

Do ponto de vista metodológico, adotou-se a pesquisa participativa como eixo estruturante, buscando fomentar a construção coletiva do conhecimento e o fortalecimento dos processos organizativos da comunidade. Tal abordagem



visa não apenas à compreensão da realidade local, mas também à sua transformação, incentivando a emancipação e o protagonismo dos sujeitos envolvidos.

Para isso, foram empregadas ferramentas do Diagnóstico Rural Participativo (VERDEJO, 2006) como dinâmicas de grupo, mapeamento participativo, observação participante, além da utilização de fluxogramas e matrizes, com o intuito de ampliar a participação e a interação entre os envolvidos.

Os procedimentos foram organizados em etapas, iniciando-se com a definição conjunta dos objetivos junto aos agricultores, seguida da identificação das atividades e do alinhamento das metas do trabalho. Na sequência, ocorreu o desenvolvimento das ações planejadas, acompanhado da definição de instrumentos e sistemas de monitoramento. O início das atividades na área coletiva ocorreu a partir de 04 de outubro de 2025.

Desde então, as etapas vêm sendo realizadas de forma contínua e participativa. Ressalta-se que a presença e o envolvimento dos agricultores são fundamentais, uma vez que sua ausência inviabiliza a compreensão de seus objetivos, expectativas, níveis de satisfação e percepções em relação ao processo.

Resultados

Os resultados obtidos até o momento evidenciam avanços importantes no processo de reorganização da horta coletiva, com destaque para a recuperação do espaço produtivo e o fortalecimento do sentimento de pertencimento entre os participantes. A retomada do uso da área coletiva contribuiu para reativar práticas de cultivo e estimular o engajamento das famílias envolvidas, fortalecendo a segurança alimentar.

Entretanto, o processo ainda apresenta desafios que impactam sua consolidação, especialmente no que se refere à organização interna do grupo, à divisão das atividades e ao uso compartilhado do espaço. Esses aspectos exigem construção contínua de acordos e alinhamentos entre os participantes.

Por outro lado, a atuação do Programa Terra da Unicamp tem desempenhado papel fundamental nesse processo, não apenas por meio do apoio com insumos e ferramentas, mas sobretudo na promoção de espaços de encontro, formação e troca de saberes. O próprio processo de articulação para a implementação da horta e a recepção das ações do Programa têm contribuído para o fortalecimento da organização coletiva e para o engajamento das famílias envolvidas.

Como perspectiva, almeja-se o aprimoramento da organização interna do grupo, de modo a otimizar o manejo da área e fortalecer a cooperação entre os envolvidos. Além disso, busca-se ampliar a capacidade produtiva da horta, visando atender de forma mais eficiente à demanda por produtos destinados à comercialização.



Figura 1: Atividade participativa realizada com o grupo



Conclusões

A horta coletiva apresenta potencial significativo como instrumento de reorganização comunitária, fortalecimento social e promoção da sustentabilidade. Os avanços já observados, especialmente na recuperação do espaço e no fortalecimento do sentimento de pertencimento, evidenciam a relevância de iniciativas coletivas no contexto dos assentamentos rurais.

Entretanto, as dificuldades identificadas indicam a necessidade de continuidade e aprimoramento dos processos organizativos, bem como de melhores condições estruturais e de comunicação entre os participantes. Nesse sentido, o fortalecimento da participação dos agricultores mostra-se essencial para a consolidação da proposta.

Assim, a experiência demonstra que práticas coletivas baseadas nos princípios da agroecologia podem contribuir não apenas para a produção de alimentos, mas também para a construção de sistemas mais autônomos, resilientes e socialmente articulados.

Agradecimentos

ProEEC - Pró-reitora de Extensão, Esporte e Cultura da Unicamp.

Referências

AGUIAR, Luana Moraes de. et al. A extensão universitária como ferramenta de aproximação da comunidade: estudo sobre o “CCA de Portas Abertas”. Extensio: Revista Eletrônica de Extensão, Florianópolis, v. 20, n. 47, p. 31–48, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1807-0221.2023.e89659>. Acesso em: 22 jun. 2025.

BOMBARDI, Larissa Mies; MANFREDINI, Sidneide; FERNANDES, Gabriel de Andrade. Desafios da produção agrícola camponesa nos assentamentos de reforma agrária: Assentamento Milton Santos – Americana/SP. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, n. 26, p. 135–147, 2009. Disponível em: <https://revistas.usp.br/geousp/article/view/74132/77775>. Acesso em: 22 jun. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Em 2023, extensão universitária passará a integrar currículos da graduação. Campinas: Unicamp, 2 fev. 2022. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2022/02/02/em-2023-extensao-universitaria-passara-integrar-curriculos-da-graduacao/>. Acesso em: 22 jun. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP). Extensionando: Programa Terra. 2025. Disponível em: <https://www.proec.unicamp.br/extensionando/extensionando-programa-terra/>. Acesso em: 22 jun. 2025.

VERDEJO, Miguel Expósito. Diagnóstico Rural Participativo: um guia prático. Brasília: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2006.